

INFERÊNCIAS SOBRE A MÚSICA *CANTO DOS CASTANHAIS*, POR EDUCADORES AMBIENTAIS, EM OFICINA DE PRODUÇÃO DE VIDEOCLÍPE.

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira¹
Carla V. Soares Fernandes²

Resumo:

Este artigo descreve o processo de interação de educadores ambientais ao interpretar o discurso literário da música *Canto dos Castanhais* (Val Milhomen e Joãozinho Gomes) e realizar inferências, com finalidade de produzir um videoclipe que exprimisse um discurso de valorização dos produtos e da atividade de comunidades extrativistas da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) na Amazônia. A prática educacional de produção coletiva de videoclipe privilegia a interação em uma Oficina, lugar do “contrato de comunicação” para construção de um novo discurso. Na discussão, ocorreram embates ideológicos sobre extrativismo e consumo, que desafiaram os educadores ambientais a refletir sobre suas práticas discursivas.

Palavras-chave: análise do discurso, discurso ambiental, educação, música amazônica, narrativas audiovisuais.

Introdução

A grandiosa biodiversidade da região Amazônia tem sido alvo de pesquisas que visam conhecer as formas de manejar os ecossistemas para garantir a conciliação entre a produtividade da espécie de interesse e a manutenção dos serviços ecológicos da floresta.

O Projeto Kamukaia³ executado por meio de uma rede de pesquisa na Amazônia, sob a coordenação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, desde 2005, visa gerar resultados para definição de políticas públicas e implantação de planos de manejo sustentável de produtos florestais não madeireiros (PFNM). Além do conhecimento básico, o projeto busca promover o intercâmbio de informações e estimular a valorização dos produtos pela sociedade.

Nesse contexto, tem sido realizadas oficinas de produção de vídeos ambientais, uma prática educacional criada no âmbito do projeto *Com.Ciência*

¹ Pesquisadora, Embrapa Rondônia. vania@cpafro.embrapa.br

² Jornalista e cantora. carlavis@uol.com.br

³ Palavra originada de KAMUK e AKA que significa produtos da floresta na linguagem indígena Uapixana.



Florestal, coordenado pela Embrapa Rondônia, com a finalidade de divulgação científica. Um dos enfoques das discussões propostas é refletir sobre o que faz a Ciência e o que a sociedade pode fazer para minimizar os impactos ambientais sobre os recursos florestais.

Com o objetivo de promover discussão sobre a ação-cidadã em prol das sociedades sustentáveis, a oficina alvo desta análise foi realizada no dia 29 de março de 2012, como parte da programação do VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, Fórum REBEA, (Salvador - BA, 28 a 31 de março, 2012), com o tema Rumo à Rio+20 e as Sociedades Sustentáveis.

A metodologia da prática educ comunicativa socioambiental de produção coletiva de vídeos se sustenta em três pilares: a oficina como o lugar de interação social, através do uso da linguagem para construção de um novo discurso; a música amazônica como produtora de sentido; e a percepção ambiental dos participantes da oficina, correspondendo à forma de se relacionar com as questões ambientais.

Este trabalho situa-se no campo da educação comunicativa, da inter-relação Comunicação/Educação que é a principal linha de pesquisa desenvolvida pelo NCE-ECA/USP, que vem solidificando esse campo de estudos. Com o avanço dos estudos do NCE o conceito de educação comunicativa passa a designar todos os esforços realizados pela sociedade no sentido aproximar os campos da cultura, comunicação e educação (SOARES, 2002).

Como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, se observa na atualidade, a transformação em políticas educacionais a exemplo da educação comunicativa ambiental e suas aplicações como fórum de cidadania e de popularização da ciência, aplicação esta que passamos a denominar de educação científica (OLIVEIRA, 2007).

Neste artigo descreve-se o processo de interação dos educadores ambientais participantes do evento que ao interpretar o discurso literário da música *Canto dos Castanhais*, numa perspectiva intercultural dos discursos de músicos da Amazônia como detentores de um saber local, realizaram inferências, com a finalidade de elaborar uma narrativa audiovisual para a produção de um vídeo que exprimisse um novo discurso com a finalidade de sensibilizar para as questões ambientais e de valorização da atividade dos extrativistas da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) na Amazônia.

A música na educação ambiental para a ação-cidadã

Os fóruns de discussão no campo da educomunicação socioambiental buscam socializar as experiências e refletir sobre os desafios que o meio ambiente (e as ações cidadãs para a sua preservação) apresenta para a mídia, para a escola e para as práticas das organizações sociais, como formadoras da consciência ambiental. A crise ambiental, segundo Jacobi (2008: 131) levou a humanidade a uma encruzilhada que pede reflexão: “... examinar-se para tentar achar novos rumos”.

A utilização de música popular como prática pedagógica na educação formal já é bastante conhecida e difundida. Em estudo sobre as representações sociais sobre o meio ambiente, no contexto de uma exposição científica, Nunes (2004) conclui que “... a música possui uma influência nos elementos de centralidade da ideia de meio ambiente dos visitantes, reforçando o conteúdo explorado na exposição”. A análise das letras de canções populares que tratam de temas científicos, quando utilizada em sala de aula como um recurso didático, é considerada uma estratégia que motiva os jovens e que pode ser utilizado de forma interdisciplinar, como foi abordado por Matos (citado por MOREIRA; MASSARANI, 2006).

Também são conhecidas várias experiências em atividades de educação ambiental, na educação não-formal, nas quais a música tem sido frequentemente empregada como recurso de aprendizagem, recreação, sensibilização. Com este propósito, tem sido elaboradas dinâmicas para tratar de questões ambientais aplicando-as em atividades de educação ambiental com produtores rurais, utilizando músicas de artistas da região amazônica (OLIVEIRA et al., 2003). Cardoso Filho e Janotti Júnior (2006, p. 12) dizem ser possível se referir à MPB como uma “... manifestação ligada tanto às composições urbanas que utilizam as raízes musicais brasileiras como às manifestações musicais de feições estritamente regionais”.

Na proposta metodológica de educomunicação científica e ambiental a seleção das músicas para o trabalho com os grupos dá-se preferência, mas não exclusividade, ao repertório de artista regional, ou local. Um exemplo disso é a música “Matança” (Jatobá) interpretada pela segunda autora, que é baiana e sem vivência amazônica. A canção foi utilizada em atividade com produtores rurais assentados, para estudo sobre a biodiversidade amazônica. (Oliveira, 2010, op. cit.). Por acreditar que a música poderia ser um mecanismo de educação e sensibilização ambiental, a artista lançou em 2002 um

show denominado “Canto para a Natureza”, com um repertório formado por 23 canções de diversos artistas consagrados da MPB, cuja temática foram os recursos naturais.

A produção de videoclipes, linguagem audiovisual de grande aceitação junto ao público jovem, foi outra etapa do processo iniciado com a inserção da música popular brasileira (MPB) em atividades educacionais, e que evoluiu da reflexão e sensibilização, para a busca de promover a inclusão/valorização da cultura amazônica, manifestada na música regional, resultando numa proposição metodológica de uma prática educacional (OLIVEIRA, 2010:30), composta de três elementos:

1) o lugar, a sala de aula/oficina, não o espaço físico, mas como o lugar do “contrato de comunicação”, 2) o falar, o “dito” no discurso ambiental presente na letra das músicas amazônicas e suas relações com o discurso científico; 3) o “olhar”, a percepção ambiental dos enunciatários do discurso, seja quanto ao ambiente natural, quanto à inserção da música e da ciência florestal no seu cotidiano.

Em última instância, é a inter-relação, ciência, cultura e sociedade que está em análise quando, visando apontar o papel da Ciência e da Sociedade (*O que a Ciência faz? O que a sociedade pode fazer?*) se insere em videoclipes o discurso literário da música amazônica – rica em simbolismos que sensibilizam para as questões ambientais – e se leva ao público leigo o discurso da Ciência (sua contribuição para minimizar os impactos ambientais) associado à percepção ambiental de quem produz a comunicação (neste caso os educadores ambientais).

A oficina: lugar de interação

Em sua proposta original, a oficina de produção de videoclipes caracteriza-se como uma experiência didático-pedagógica, com o objetivo de produzir material didático para utilização por professores e educadores ambientais. A partir de 2008, no processo de validação da mesma como uma prática educacional, o experimento tem sido reaplicado, em diversas situações e tipo de públicos, em eventos tais como: capacitação de educadores ambientais, congressos científicos de Comunicação Social e de Educação Ambiental, Conferências da Infância e Juventude para o Meio Ambiente e Semana de Ciência e Tecnologias.

A elaboração da programação e os procedimentos metodológicos são ajustados ao tipo de público e à carga horária disponibilizada para o evento. No caso da Oficina no Fórum REBEA/2012, foi planejada para execução em 3h/aula, com cinco atividades.

Com o título: “*Oficina de produção coletiva de videoclipe ambiental: o canto dos castanhais da Amazônia*” o evento foi proposto para livre inscrição dos participantes do Fórum, com o limite máximo de 25 participantes. Inscreveram-se e participaram 19 educadores ambientais, originários de diversas localidades do País, sendo apenas um nascido na região amazônica.

Educador ambiental é a identificação genérica adotada, porém, a partir da apresentação dos participantes, pode-se traçar um breve perfil dos mesmos: 12 mulheres e 07 homens, dos quais 05 eram acadêmicos e 14 profissionais, a maioria da área de Biologia. As demais categorias profissionais participantes foram: Comunicação Social, Administração, Engenharia Florestal, Engenharia e Gestão Ambiental, Nutrição e Letras.

Portanto foram estes os atores sociais que neste espaço de interação atuaram como sujeitos dos atos interlocucionários: educadores ambientais (EA), comunicadores sociais (CS), no papel de facilitadoras da oficina, músicos (M), autores e intérprete da canção, em interação de forma direta e indireta.

Para isso, foi utilizada a música Canto dos Castanhais (Val Milhomem/Joãozinho Gomes, interpretada por [Juliele \(2007\)](#) cuja letra (Anexo1) aborda aspectos do cotidiano dos castanheiros (extrativistas da castanha-do-brasil). Os autores, e portanto elaboradores do discurso literário, são músicos do Amapá/Pará e a intérprete é também amapaense.

Além disso, foram compartilhadas informações sobre os castanheiros da Resex Rio Cajari, no sul do Estado do Amapá, que, em janeiro de 2012, participaram de semelhante oficina e, ao expressarem suas demandas sobre como gostariam de se ver representados na mídia, disseram que gostariam de ser valorizados pelo papel que desempenham, em prol do desenvolvimento sustentável.⁴

Referencial teórico e procedimentos metodológicos na análise

O estudo da construção/reformulação do discurso tem como instrumental de análise a teoria do Dialogismo de Mikhail Bakhtin (1997), que contribui para a compreensão sobre os gêneros discursivos e suas análises.

⁴ Oficina facilitada pela primeira autora, em evento promovido em Macapá, pelo Projeto Carbono Cajari: <http://projetocarbonocajari.org>

Dentre os diversos conceitos formulados pelo autor, lançamos mão da noção de contrato de comunicação (... *parceiros em interação co-construindo o sentido*), no qual a significação é o produto da interação entre os interlocutores, abordagem que orienta nossa discussão.

O universo levado em consideração é o de indivíduos (sujeitos interpretantes/ enunciatários) pertencentes à determinada categoria social (educadores ambientais participantes de um Fórum de Educação Ambiental), originários de diversas regiões brasileira, em interação, interpretando o discurso literário e produzindo sentido.

Na análise do discurso, inferência é ato de linguagem cuja realização implica a produção de um enunciado (Ducrot apud CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, p.275). O termo é utilizado para “... tentar dar conta das operações que permitem extrair sentido implícito dos atos de discurso, aquele sentido que é produzido pelo sujeito falante e reconstruído (ou reproduzido) pelo sujeito destinatário”.

Na oficina, este é o momento de interação para a produção de um novo discurso, e embora a música seja a trilha sonora do videoclipe, os participantes são solicitados a fazer inferências, justamente para que não haja uma simples composição do roteiro de imagens com a letra da música, como uma tradução literal.

Música é fenômeno universal, a música é informação: “... não existe música, mas músicas. Toda música é um complexo que resulta da cultura à qual está inserida”, afirma com precisão Valente (2005:91). Este é o momento de desvendar os implícitos e fazê-los representar nas imagens, se relacionando em maior ou menor intensidade com a letra. Portanto, não se espera que tudo o que é expresso na letra da música seja literalmente traduzido em imagens no videoclipe.

O enfoque da análise é predominantemente descritivo e qualitativo, aplicado à interação ocorrida na oficina, o ambiente no qual se produziu o contrato de comunicação em que foram realizadas as inferências.

Conhecer as condições de produção do texto literário seria uma das informações a ser fornecida aos participantes, entretanto a informação disponível era mínima. Segundo a intérprete Juliele, a criação do texto litero-musical ocorreu após uma visita do autor a uma comunidade extrativista. Joazinho Gomes, natural do estado do Pará é autor de mais de quinhentas músicas compostas ao lado de vários parceiros, alguns artistas da região amazônica e outros consagrados no cenário musical do país.⁵

⁵ Biografia disponível in: <http://www.culturapara.art.br/Literatura/joazinhogomes/index.htm>

O discurso literário: o que canta o Canto

Uma canção, normalmente, é uma combinação de texto (letra) e música, mas é possível também a existência de uma canção sem palavras (VALENTE op. cit). O autor considera que a voz do cantor exerce uma função que extrapola o que é dito: a voz revela mais verdades que o conteúdo do texto é capaz de expressar.

O Canto dos Castanhais caracteriza-se como um registro da memória cultural de uma população tradicional. Na primeira e segunda estrofe o autor, ao comparar a vida dos castanheiros com um “canto plangente”, identifica “essa gente” como uma gente sofrida, chorosa; e traduz esse canto em sons que fazem parte do cotidiano da população local: “som de facão no ouriço” (instrumento com o qual cortam/quebram o ouriço da castanha); “de castanha entre os dentes” (hábito local de quebrar a castanha com os dentes), de “pele nos espinhais” (ao percorrer a floresta para coletar a castanha, seria comum se arranharem em vegetações espinhosas). A terceira estrofe menciona mais um sofrer, o do “filho ausente, que não voltou nunca mais”.

Estrofe 1

A vida que leva essa gente
é um canto plangente,
no meio dos castanhais.

Estrofe 2

Tem som de facão no ouriço,
de castanha entre os dentes,
de pele nos espinhais;

Estrofe 3

É o baque da porta do quarto
De um filho ausente,
que não voltou nunca mais.

Na 4^a. e 5^a. estrofe referem-se à labuta diária dos castanheiros que cedo levantam para a coleta dos frutos, compara com a dos seringueiros (coletores de látex).

Estrofe 4

Aqui quando o sol se levanta
Essa gente levanta
e entra nos castanhais.

Estrofe 5

A vida que leva essa gente
Não é tão diferente
da vida dos seringueiros

Estrofe 6

Por isso essa gente canta
E o seu canto plangente
Torna-se um canto de paz

O sofrer dos castanheiros é transformado em um canto de paz, sustentado pela proteção espiritual advinda de uma Santa, que os protege, um canto que seria um manifesto dos descontentamentos:

Estrofe 7

**A fé dessa gente é tanta
E a dor que ela sente
Passa a doer na santa**

(refrão)

Estrofe 8

Que pega no ventre e senta
Enquanto essa gente canta

Estrofe 9

É a voz, que diz quando está
descontente/ E grita ao mundo
seus ais / Que fala, contesta,
desmente./ Que ecoa pelos
castanhais.

Resultados e Discussão

Atividade 1- Percepção Ambiental

Na atividade inicial foi realizada a auto-apresentação dos participantes, de forma a identificar a percepção dos mesmos em relação ao tema da oficina. Para isso, foi solicitado que ao se apresentarem, informassem a procedência, formação, área de atuação, motivação em participar da oficina e qual era o tipo de conhecimento que tinham com a castanha-do-brasil.

“... a castanha é cara e nem sempre se encontra”;

“... sou consumidora diária de castanha”

- “só comi uma vez, não conheço muito” (3)

- “ sei que é saudável”

- “... sou apaixonada pelos frutos do Norte”

- “ adoro a castanha e seus subprodutos”

Estas foram algumas das informações geradas em resposta à questão da familiaridade dos participantes com o tema da oficina, destaca-se o fato de que a maioria dos participantes disse conhecer a castanha, gostar de comer, porém, que a mesma apresenta um preço inacessível, o que a torna um produto especial, consumido em ocasiões especiais como o Natal.

Dentre as informações obtidas na oficina com os extrativistas da Resex do Rio Cajari, havia a percepção de que eram mal remunerados, uma vez que as dificuldades operacionais os deixavam à mercê dos atravessadores, para o escoamento da produção. Na outra ponta, o consumidor, que até conhece o produto, mas não tem acesso ao mesmo, seja pela indisponibilidade no mercado, seja por considerá-lo de alto custo, quando disponível.

Atividade 2 – O uso de música na educação ambiental e a produção de videoclipes

A segunda atividade consistiu na partilha de informações sobre as experiências com o uso de música em atividades de educação ambiental. Foram exibidos dois videoclipes, o primeiro, cuja música tema era *Salvador, Salvador* (Capinan, interpretação de Carla Visi), elaborado com fins de uso social (mensagem de

aniversário), tendo como características o uso de imagens estáticas (fotografias) e integração entre a mensagem da música e a história de vida da pessoa homenageada. O segundo vídeo exibido foi elaborado em semelhante oficina, realizada no Fórum REBEA/2009, tem como características a junção das imagens da comunidade rural produtora da canção “Não deixe secar o coração” (Grupo Minhas Raízes).

Ambos os videoclipes foram exibidos com o objetivo de chamar a atenção dos participantes para as diversas possibilidades de uso e diferentes características do videoclipe, de acordo com o objetivo da mensagem a ser comunicada. Seguiu-se a partilha de experiências de trabalho com música na educação ambiental e a produção de videoclipes.

A segunda autora partilhou a experiência como uso da música [Cata Lata](#) executada no carnaval do ano 2000, em Salvador, que acabou por mobilizar os foliões, sobre tudo os jovens para solidariedade com os catadores de lata.

“Carnaval também é época de consciência, hora de pensar no meio ambiente e recolher as latinhas que inundam as ruas após cada dia de festa. Em 2002, 25 toneladas de latas de alumínio foram coletadas durante a folia de Salvador. O hábito da coleta rendeu até a música cata lata, entoada pela cantora Carla Visi: "Cata, cata, cata, cata lata. Tô catando lata que você joga no chão. Se estiver pulando não pise na minha mão..."⁶

Três outros participantes falaram de suas experiências com a produção de videoclipes, dois deles apresentaram suas produções. Seguiu-se de um debate sobre a produção de videoclipes na perspectiva da leitura crítica dos meios, uma vez que em recente levantamento realizado no *YouTube*, ao realizar busca com as palavras: desmatamento, Amazônia, foram encontradas e sistematizadas informações de 26 videoclipes, constatando-se que na maioria deles foram usadas músicas em inglês e, dentre aqueles com músicas de artistas brasileiros, nenhum era artista da região Norte.

Na partilha dos participantes, um vídeo foi elaborado com a versão de uma música em língua inglesa e o outro com uma música de uma comunidade indígena. Estas duas experiências colaboraram para reforçar e reafirmam a possibilidade de valorização de construções musicais próprias e a diversidade de possibilidades de uso. No caso da experiência do professor Doutor João Carlos Gomes, do Departamento de Educação Intercultural, da Universidade Federal de Rondônia, a música foi produzida por um aluno indígena e serviu de trilha para um documentário sobre a Festa do Jacaré do povo indígena Araras, de Ji-Paraná, Rondônia.

⁶ In: <http://www.carnasite.com.br/v4/noticias/noticia.asp?CodNot=1221>

Atividade 3 – Aprender fazendo

Na terceira atividade da oficina, trabalham-se conceitos de videoclipe educativo, divulgação científica, educação ambiental e construção coletiva de conhecimento. Demonstra-se “como se faz” o planejamento do vídeo (prévia organização de arquivos de imagens e sons a serem utilizados) e do uso do software. Utiliza-se o software *Windows Movie Maker* que é o mais indicado para a condição de iniciação em atividade de produção de vídeo digital (FREITAS, 2008).

Abordou-se também a questão dos direitos autorais no uso de imagens e sons. Este é um dos entraves a esse tipo de atividade. Na experiência do projeto Com.Ciência Florestal um dos quatro vídeos produzidos não pode ser exibido devido a não se chegar um acordo no valor dos direitos autorais a ser pago aos autores da música. Para evitar esse problema, a professora Dra. Simone Bortoliero, da UFBA, recomenda⁷ que, sempre que possível sejam usadas composições criadas pelo grupo que produz o vídeo, ou por pessoas da comunidade envolvidas quando for o caso. Também se partilhou informações sobre outros softwares de editoração de vídeo.

Atividade 4 – Dinâmica de reflexão sobre a música e suas mensagens

Nesta atividade fez-se a audição da música “Canto dos Castanhais” e discutiu-se a mensagem, por meio da análise textual (decomposição do texto) e interpretação (reflexão, inferências, síntese). As questões que orientaram essa discussão foram: que sentido podemos dar para estas mensagens? com que imagem podemos representá-las no vídeo clipe?

A discussão foi feita estrofe à estrofe. Entretanto devido a pouca familiaridade dos participantes com a realidade do extrativismo dos PFNM na Amazônia, apenas algumas questões foram debatidas, a partir de algumas palavras-chaves apontadas pelos participantes, extraídas da letra da música, quais sejam: “essa gente”, “fé”, “filho ausente”.

As inferências feitas estão aqui apresentadas na descrição das características do poema:

Gênero literário: gênero lírico, caracterizado pela subjetividade e pela emoção.

⁷ Em oficina de produção de videoclipe realizada no III Encontro de Jornalismo Científico, Nordeste. Maio, 2010

Tema: o modo de vida de pessoas que habitam áreas de castanhais na Amazônia.

Foco narrativo: narrativa em terceira pessoa “essa gente”. Vista por um amazônida do qual se desconhece sua relação afetiva com a realidade das comunidades extrativistas de castanha. O mesmo apresenta essa população como uma “gente” sofrida, que trabalha em condições duras: “aqui quando o sol se levanta, essa gente levanta e entra nos castanhais”.

Mas, ao mesmo tempo, “essa gente” encontra na música (*canto plangente/canto de paz*) e na Fé o consolo para enfrentar suas adversidades: “por isso essa gente canta, e o seu canto plangente, torna-se um canto de paz.

Espaço: o espaço físico pelo qual os personagens transitam é restrito a realidade da atividade extrativista castanheira, mas pode ser extrapolada para o universo da atividade extrativista seringueira, como o faz a música e muitas outras que tem alto grau de penosidade do trabalho.

Personagens: - o texto revela características sociais e psicológicas dessa “gente”: sofrida, trabalhadora, religiosa.

Como já mencionado, além do discurso literário, os participantes receberam informações sobre a reação de representantes de comunidades extrativistas a essa canção, em uma oficina. Algumas das inferências dos educadores ambientais são compatíveis com a dos extrativistas, como é o caso do verso “é o baque na porta do quarto, de um filho ausente, que não voltou nunca mais...”, ambos associaram ao filho que deixou a comunidade, pelo êxodo rural.

Atividade 5 – Colocando a mão na massa

Nesta etapa da oficina é quando se elabora o projeto do videoclipe. Como já previsto na programação, não se concluiu a atividade em grupo. Isto porque em sua origem a metodologia estima no mínimo 8h aula, para que se concluam todas as etapas previstas. No início da oficina fez-se a ressalva que seria privilegiada a discussão, a interação do grupo, e que a finalização do vídeo dependeria do interesse e esforço de um grupo menor, extra oficina, como ocorreu em oficinas anteriores, nas quais a carga horária disponibilizada foi de menos de 4h/aula.

Os participantes procederam a análise textual da letra da música, fizeram suas inferências, com o objetivo de construir uma narrativa audiovisual que refletisse a

demanda apresentada pela comunidade castanheira; a de valorização de sua atividade produtiva, por ser esta colaboradora das ações de minimização dos impactos ambientais sobre a floresta amazônica.

Entretanto, não se chegou a elaboração de um roteiro de imagens, não só pela questão tempo já mencionada, mas sobretudo porque as inferências feitas coletivamente, apenas levantaram as possibilidades de abordagens da comunicação a ser elaborada, sem entretanto se chegar a um consenso no grupo.

Ao refletir sobre as condições de produção do extrativista, ficou evidenciada para o grupo, a contradição em relação às pontas da cadeia produtiva da castanha. Contradição é uma característica do discurso ambiental, frequentemente maniqueísta, colocando em oposição os ativistas ambientais do lado do “bem”.

Neste caso o embate se deu entre a questão da produção e do consumo. De um lado, os castanheiros (e castanheiras) representados na música como uma gente sofrida, e do outro os consumidores dos produtos e sub-produtos da castanha. No meio, tem-se grandes indústrias de cosméticos que adquirem produtos dessas comunidades extrativistas, e que em suas mensagens de marketing enfatizam a origem dos produtos, como motivação para os consumidores e para reafirmar o compromisso ambiental da empresa.

Colocou-se em questão, se o objetivo fim do produtor castanheiro, que demanda por valorização, seria realmente pelo estímulo ao consumo de produtos cosméticos, uma vez que há uma percepção de que as relações comerciais com essas indústrias não são justas. As alternativas então seriam pelo viés do fortalecimento organizacional que os libertasse dos atravessadores, e lhes desse autonomia.

Outra consideração do grupo foi a de que a música, não só pelas imagens que transmite em seus versos, mas pela melodia, não seria uma música adequada para servir de roteiro a um novo discurso, que quer valorizar essa gente.

Considerações Finais

Neste trabalho nos propusemos a descrever o processo de criação de um roteiro de imagem para a elaboração de um videoclipe, cuja temática seria a produção sustentável de castanha-do-brasil, por produtores de comunidades extrativistas na Amazônia.

Para que os objetivos deste trabalho fossem alcançados e para que o objeto empírico escolhido fosse analisado, discutiu-se, com base no dialogismo de Bakhtin de que forma os educadores ambientais (enunciatórios) interpretaram o discurso literário (letra da música), realizando inferências para a elaboração de um novo discurso a ser veiculado em um videoclipe.

A forma foi a interação de parceiros co-construindo o sentido, sob várias formas: desempenhando diferentes funções, ora como locutores, ora como interlocutores, ora como intermediários dos discursos oriundos de diversas fontes, a do educador ambiental, do pesquisador, a do comunicador social, a do compositor e do intérprete elaborando o seu próprio discurso, a ser expresso em um videoclipe ambiental.

Demonstra-se nesta análise descritiva, que a proposta de produção coletiva de vídeos vai além do mero uso doméstico da tecnologia multimídia, que atualmente é de fácil acesso e que faz proliferar em sites como o You Tube vídeos de diferentes tipos e abordagem.

Além de capacitar os participantes e demonstrar as possibilidades de produção de vídeos ambientais como uma prática educacional, que se caracteriza como tecnologia social educacional; foram objetivos da oficina: promover a interação dialógica e sensibilizar os participantes para as questões ambientais amazônicas;

Na avaliação do evento, foi reconhecido por alguns participantes, o potencial da Oficina como proposta metodológica, que envolve a produção da informação a ser veiculada. O experimento, como processado, colabora para algo que já vem sendo demonstrado na observação e estudo de práticas de construção coletiva de textos e de produtos de mídia, em espaço de educação, seja de nível médio e superior; a de que oficina (sala de aula/ laboratório de comunicação) se constituem em espaço singular onde os atores do processo de interação assumem seus lugares enquanto falantes da língua materna, realizando interações significativas e produtoras de sentidos através da linguagem.

Com este trabalho, espera-se que educadores ambientais interessados em desenvolver produção audiovisual, possam adotar a metodologia dessa prática educacional como um referencial para as suas atividades. Bem como difundir informações que venham a contribuir não só com a valorização do produtor florestal, mas também para a valorização e o reconhecimento da cultura musical de cada região do País.

Referencias

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARDOSO FILHO, J.; JANOTTI JÚNIOR, J. A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground*: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FREIRE FILHO, J.; JANOTTI JÚNIOR, J. **Comunicação & música popular massiva**. Salvador: UFBA, 2006. p. 11-23.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de Análise do Discurso. Fabiana Komesu. (Coord. da Tradução). 1.ed., 1a. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAS, A.P. **Vídeo digital para iniciantes**. São Paulo: Digerati Books, 2008.

JACOBI, P.R. Educação, meio ambiente e cultura – transformando as práticas. In: PARENTE, T.G.; MAGALHÃES, H.G. (Orgs.). **Linguagens plurais: cultura e meio ambiente**. Bauru: EDUSC, 2008. p. 131-142.

MOREIRA, I.C.; MASSARANI, L. (En)canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, p. 291-307, 2006.

NUNES, Talita Rodrigues. A influência da música sobre as representações sociais de meio ambiente no contexto de uma exposição científica. **Revista MultiCiência**, Unicamp, maio 2004.

OLIVEIRA, V.B.V.; RODRIGUES, V.G.S.; LOCATELLI, M.; PEREIRA, R.G.A.; LEÔNIDAS, F.C. **Planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável do Assentamento Asa do Avião**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2003. (Documentos, 89).

OLIVEIRA, V.B.V. Inter-relações entre comunicação e educação em grupos comunitários de estudos sobre questões ambientais: do álbum seriado ao videoclipe. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORTE, 6, 2007, Belém. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2007.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. Metodologia de produção de videoclipes com o uso de música amazônica para a educomunicação científica e ambiental. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2010. (Serie Documentos, 139).

SOARES, I. Gestão comunicativa da educação: caminhos da educomunicação. **Revista Comunicação e Educação**, ano 7, p. 16-25, 2002.

VALENTE, Heloisa de Araújo Duarte. Música e mídia a partir dos conceitos de R. Murray Shafer e Paul Zumthor. In: **Discursos simbólicos da mídia**. Rafael Souza Silva (Org.). Edições Loyola: São Paulo, 2005. (89-106)

<p>A vida que leva essa gente é um canto plangente, no meio dos castanhais.</p> <p>Tem som de facão no ouriço, de castanha entre os dentes, de pele nos espinhais;</p> <p>É o baque da porta do quarto De um filho ausente, que não voltou nunca mais.</p> <p>Aqui quando o sol se levanta Essa gente levanta e entra nos castanhais.</p> <p>A vida que leva essa gente Não é tão diferente da vida dos seringais</p> <p>Por isso essa gente canta E o seu canto plangente Torna-se um canto de paz</p>	<p>REFRÃO:</p> <p>A fé dessa gente é tanta E a dor que ela sente Passa a doer na santa</p> <p>Que pega no ventre e senta Enquanto essa gente canta</p> <p>(repete o REFRÃO)</p> <p>É a voz, que diz quando está descontente</p> <p>E grita ao mundo seus ais Que fala, contesta , desmente. Que ecoa pelos castanhais.</p> <p>REFRÃO:</p> <p>A fé dessa gente é tanta Que a dor que essa gente sente Passou a doer na santa</p> <p>(o coro repete 5 vezes, a 6ª e última vez somente a intérprete, canta à capela)</p>
--	--